

João Dias

Conto sobre o Natal

Numa carta de 30-12-52, à sua família João Dias escreveu de Coimbra o seguinte:

«Este estado lírico e doentio fez-me escrever um conto sobre o Natal. É que a lembrança do Natal aí em Lourenço Marques me anda sempre no pensamento. Coisa curiosa: o conto não tem sinais de nada que se relacione comigo. Actualmente os contos que tratam de nós não têm valor como os que abordem assuntos sociais. O conto é mais ou menos isto: o Natal visto por um moleque. Mostrei-o ao Vitor Matos. Deu-me um forte aperto de mão e disse «está genial». Como ele não tem a mania de elogios e costumamos ser francos um para outro, acredito que o conto esteja razoável».

Tratando de «razoável» este conto sobre o Natal, é, por parte de João Dias, modéstia. E modéstia é a marca de grandes homens. Um dos melhores contos deste grande escritor moçambicano, o conto sobre o Natal, faz tremer de significado. Numa linguagem simples captura o cómico e o trágico fundindo-os no dramático. Estão nele patentes as contradições entre as pretensões da pequena burguesia e as aspirações da classe oprimida.

Dispensando-me de mais comentários deixando o leitor saborear este trecho literário.

Cyprian Kwilimbe

O guarda revirou as fechaduras castanhas de ferrugem e arrastou-os pelos corredores ao Gabinete do Comissário. Estavam livres. Que ficassem em casa do chefe Santos.

A família Santos não vivia como as grandes massas miseráveis nem com as comodidades de Henry Ford. Era daquelas famílias condenadas a não ficar na História. Um grupo a equilibrar-se nus cordas da economia. Escudos certos, para despesas certas, todos os meses. Uma ou outra extravagância na lotaria a tentar a sorte. Não se liam jornais nem livros, que o papel estava caro e não compensava. Sopa e guisado, alternando com guisado e sopa do almoço para o jantar. Pão, muito pão, e... batatas. Para o Chefe Santos também umas matinées à porta dos cinemas, nos dias de serviço; e um «casse-tête» a descarregar na negralhada, se o guisado lhe caia resvés no estômago.

Fora para aqui que o Comissário enviara Godido e Zafania, os dois negros que abandonaram os calabouços. Nos primeiros dias, suas mãos não se adaptavam ao trabalho.

— Eh rapazes! Vamos a tomar tento no serviço. Estas panelas emporcalhadas!... Não me dêem cabo da louça.

Depois, tudo começou a ficar certamente pronto. Às seis da manhã varria-se o jardim, do lado do canteiro das glicínias para a escada onde o terreno era mais baixo; às sete e meia o café na mesa para o patrão, e o banho quente, ao meio-dia, sobre o frio da senhora.

O serviço ganhara regularidade e automatismo. O tempo sobrava, enquanto a patroa ia procurando novos motivos de trabalho para os serviços.

Os filhos sublinhavam espanto sobre todo o novo movimento da casa.

— Vá lá que esses negros são mais hábeis. Os últimos eram uma lástima — dizia gravemente a Isaura, e todos sublinhavam o dito, num abanar de cabeça, ou num «pois é» de concordância.

Hoje estava-se em noite de véspera de festejos. De cada porta que dava para o quintal vinha luz trazendo os patrões

a ler, a conversar ou a ajeitar enfeites nos bolos.

Fora estava a debruçar-se a noite baça, com recortes. Carvão em tudo, com brilhares aqui e além, semelhantes a brasas solitárias num céu nem bem azul, nem cinzento que deprime.

A cozinha afastava-se do corpo da casa. Era um apartamento antigo, de tijolo. Sobre um caixote, sentado à porta, Godido batendo com as mãos procurava o ritmo de um canto agreste.

— «Eh! Zafania! Buya. Venha brincarri co gente, a cantari cõsa do nosso terra. Anda cá quando não minha cõração zanga cum você. Mesmo!»

Enquanto o compasso do «boogie» ou lá o que era, insistia em ficar no ar ao lado da voz de Godido, Zafania foi-se chegando a dançar. Primeiro dança, depois simula um combate de boxe. As mãos a fecharem-se e a espetarem socos num adversário invisível. Defendia-se tapando a cabeça e o rosto. Tudo a compasso. Ele próprio duvidava se combatia ou se dançava. Era sentir.

Quando as forças cansaram deitou-se de costas e cantou com Godido. Uma das vozes afilou. Imitava a Josefa da sanzala; ao passo que a outra engrossou toda a virilidade, num gorjeio rouco. Por trás do dueto, por trás das poucas estrelas imóveis que agora moravam nos desvãos do firmamento, ouviam-se as palhotas, a vida no capim, um preguiçar em sítios que se não sabe, e que dão sono de olhos abertos. Ver o que se não vê, mas se viu. Ou se não viu; mas que está no ar da nossa imaginação.

— Zafania, são horas de servir o jantar.

Agora Zafania olhava de perto os bolos comprados para a festa. Chocava os olhos com os patrões, e com o garfo e faca que eles usavam. Ouvia também como eles falavam. Assim aprendia português.

Os bolos do creme, amarelos, com letras e bonitos de açúcar, dizia-se que eram para o Natal.

À tarde, quando o menino Zeca roubava pedacitos de bolo, deu de caras com Godido. Receou-o. Mas não se rebaixava a negros. — «Sabes rapaz!? O Natal é a festa do menino Jesus, e do Pai Natal. Eles dão brinquedos a quem não faz maldades. No dia de Natal também se comem doces, beijam-se e abraçam-se os amigos;... estes bolos são para a festa, percebes?...»

No dia seguinte, tudo acordou em «Boas-Festas». A Isaura a beijar o pai e a mãe; a Amélia a Isaura; e o Zeca com brinquedos, a trepar ao pescoço das manas. E a Isaura a beijar o pai.

(A Godido ninguém dizia «Boas-Festas». Nem beijos, nem nada).

Tomaram chá. Um chá da mesma fábrica «Licungo» de todos os dias; só diferente porque havia bolo-rei e farófias. O guisado ao almoço seria galinha assada com arroz, canja e outros derivados. Vinho engarrafado até. Os amigos mandavam cartões. Alguns, cartões e presentes. Todos se divertiam. Bebedeiras semeadas como capim. Mas eram entre família e ninguém se importava porque era Natal.

A Isaura beijava o pai...

Os criados comeriam melhor. Godido pensou na mãe que não podia comer com ele, e morria explorada às mãos do branco sem saber que Natal era aquilo: comer, comer e ficar de barriga para o ar.

O Natal assemelhava-se ao «lobolo». Não. Faltava a «tombazana», e só havia comida e vinho como no «lobolo». Mas o Natal lembrava-lhe o «lobolo». Os patrões costumavam contar muito a história do «Mufana» branco que nascia todos os anos naquela data, e havia de tornar bons os que nele acreditassem.

O «Mufana» não se mostrava a toda a gente, e se não fossem alguns a falar dele não se conseguiria sabê-lo. A maior parte da gente nem o percebia; confundia-o com pedaços de gesso e arte, que havia nas igrejas. Mesmo entre pessoas cultas, poucas o entendiam. Eram os burros que lhe chegavam mais frequentemente porque não precisavam compreendê-lo.

Tinha a mania do jogo da cabra-cega. E se calhar não tinha nada. Porque talvez uns sujeitos brincalhões o inventassem para pôr doida a Humanidade.

De noite, os homens começaram a apertar as mulheres ao som da música.

— «Tudo canta, tudo dança minha gente» — dizia a senhora do Chefe Santos.

A Isaura em vez de beijar o pai, fazia-o ao primo Artur «De» «E», rico e solteiro com fábricas de conservas. Ninguém se importava porque era Natal... e era o primo Artur, solteiro e com fábricas de conservas...